

Irocô linguístico

*Pedro Parga Rodrigues **

Professor do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pesquisador do INCT Propriedas/ Núcleo de Pesquisa Propriedade e suas múltiplas dimensões (NUPEP). Pós-doutorado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

 <https://orcid.org/0000-0003-4876-9073>

Recebido em 24 jul. 2024. **Aprovado** em: 21 fev. 2025.

Como citar esta produção artística:

RODRIGUES, Pedro Parga. Irocô linguístico. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e-3192, abr. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17809591

Um Irocô inteiro grita dentro de mim quando eu falo.

Insiste em ser tagarela,

mesmo quando eu calo,

afemina em mim quando eu macho.

Ontem um civilizado selvagem apresentou lku para um falante de pretuguês.

Vestia preto,

fantasiado de branco.

Suas mãos estavam sujas do vermelho habitual.

Falava uma língua viva cheia de mortes,

incapaz de ouvir o falar dos pássaros,

do Krenak e das periferias,

*



pedro.parga@unesp.br

seus olhos não entendiam grafites,
tampouco viam as belezas das amapôs e dos outros gêneros.
Seus ouvidos não escutavam samba, funk ou rap.
Mas a semente estava plantada,
tomo banhos e me deito em redes,
como tapiocas,
sou moleque,
falante de línguas que gingham,
fazem a egípcia,
tocam atabaque em mim,
esquivam e sobrevivem.
Como mingau e ganho cafuné.
Fico zangado com os silêncios da língua,
mas fofoco com os sem voz,
gosto de ouvir os gritos de quem nunca foi escutado.
A língua de Machado gingava,
mas a civilização não via.
Somos treinados para cortar árvores, galhos e troncos linguísticos inteiros.
Mas as línguas que sobrevivem...
fazem tocaia,
gingam,
carregam patuá,
arrepiam com o berimbau,
lêem Léila Gonzáles, Carolina de Jesus

e aguentam com a mandinga braba.
Sobrevivem nas rezas,
esquinas,
brincam de peteca com as palavras,
batucam em meu peito,
enquanto eu, prosa;
cismam em vestir verde e rosa,
mesmo quando os homens de azul matam.
Elas irrompem de meus silêncios,
mesmo quando na garganta se calam,
fazem bagunça onde a ordem de poucos impera,
possuem raízes profundas,
brotam mesmo no asfalto,
aquendam sem parar,
florescem na primavera
e ancestralizam.
Não contabilizam o tempo,
nem enterram a voz dos rios.
Um Irocô inteiro berra dentro de mim,
mesmo quando eu choro.